



PREFEITURA MUNICIPAL DE ELIAS FAUSTO /SP
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

ATIVIDADE DO ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS /História

ESCOLA: _____

ALUNO(A) _____

Nº _____

7º ANO: _____

PROFESSOR(A) _____

DATA: ____/____/2020

BNCC: EF07HI02, 06

As Grandes Navegações

Situação de aprendizagem I

“Navegar é preciso...”

Para velejar em alto-mar os europeus daqueles tempos enfrentaram perigos reais e imaginários. Entre os perigos reais estavam ventos desfavoráveis, ameaças de encalhe, lugares estranhos, fome, doenças e sede no interior dos navios. Os perigos imaginários também eram muitos. Por exemplo, a crença de que a terra era plana e que aquele que se afastasse muito do litoral cairia num abismo; de que na altura da linha do Equador os navios se incendiariam; de que o mar era habitado por monstros terríveis etc. Se era assim tão perigoso, por que, então, os europeus se lançaram às Grandes Navegações? Sem dúvidas, pelo comércio. Mas não apenas por este motivo. Veja o enredo a seguir.

Quando os cruzados voltavam do Oriente, depois de terem combatido os muçulmanos, traziam com eles especiarias, como pimenta-do-reino, cravo, canela, gengibre, mostarda, noz-moscada, entre outras.

Por sua capacidade de conservar os alimentos e de torná-los mais saborosos, esses temperos passaram a ser cada vez mais consumidos na Europa no decorrer do século XIV. Além das especiarias, os europeus passaram a consumir também os artigos de luxo orientais, como os tecidos de algodão da Índia, os tapetes da Pérsia, a seda e a porcelana da China e as pérolas do Japão.

Como na época ainda não havia geladeiras, os europeus usavam as especiarias para conservar a carne e tornar seu sabor agradável. Além de servir para temperar alimentos, eram usadas no preparo de remédios e perfumes. No século XIV, o rico comércio de especiarias e de artigos de luxo orientais era quase todo controlado por mercadores árabes e italianos. Valendo-se de sua larga experiência comercial, os árabes traziam as mercadorias do Oriente até cidades como Cairo e Alexandria (na África) e Tiro e Antioquia, na Ásia Menor (veja essas cidades no mapa). Ali os mercadores italianos compravam esses produtos das mãos dos árabes e os revendiam na Europa com grande lucro.

No século XIV, os portugueses também já comercializavam as especiarias orientais.

É que, ao distribuir essas especiarias pela Europa, os mercadores italianos fundaram entrepostos comerciais em cidades portuguesas como Porto e Lisboa; lá eles vendiam especiarias aos portugueses que, por sua vez, as revendiam em Londres (Inglaterra) e no norte da Europa.

Para ampliar sua participação no rico comércio mundial de especiarias, os portugueses precisavam evitar o mar Mediterrâneo (que era quase todo controlado pelos italianos) e buscar as especiarias na fonte, isto é, no Oriente; controlando as fontes de especiarias, conseguiriam obtê-las a preços mais baixos e podiam revendê-las na Europa com grande lucro.

Além da motivação econômica, houve também a religiosa: ou seja, o desejo dos portugueses de expandir a fé cristã e combater o que chamavam de infiéis. Por motivos religiosos e comerciais, o rei português D. João I organizou, em 1415, uma grande expedição que tomou dos muçulmanos a cidade de Ceuta, no norte da África. Esse fato é tido como o marco inicial da expansão marítima portuguesa.



1. Com base no texto, assinale V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas.

- () Os europeus da época medieval usavam as especiarias para conservar a carne e tornar seu sabor agradável.
- () No século XIV, o rico comércio de especiarias e de artigos de luxo orientais era quase todo controlado por mercadores árabes e italianos. Os portugueses tinham uma pequena participação nesse comércio.
- () Para ampliar sua participação no comércio mundial de especiarias, os portugueses precisavam evitar o mar Mediterrâneo (que era quase todo controlado pelos ingleses) e buscar as especiarias na fonte, isto é, no Ocidente.
- () Nas Grandes Navegações, além da motivação econômica houve também uma motivação religiosa; ou seja, o desejo português de expandir a fé cristã e combater os muçulmanos.
- () As Grandes Navegações foram motivadas exclusivamente pelo espírito de aventura dos portugueses.

Situação de aprendizagem II

2. Com base na leitura do texto anterior, enumere a segunda coluna relacionando-a aos termos listados na primeira coluna.

- | | |
|---|--|
| 1 - Grandes Navegações | () Produtos de origem vegetal que serviam para temperar alimentos, preparar remédios e produzir perfumes. |
| 2 - Cairo, Alexandria, Tiro e Antioquia | () Pimenta-do-reino, cravo, canela, gengibre, mostarda, noz-moscada. |
| 3 - Mitos sobre as navegações | () Processo iniciado pelos portugueses com viagens marítimas longas, principalmente em busca de comércio. |
| 4 - Temperos | () A terra era plana; aquele que se afastasse muito do litoral cairia num abismo; na altura da linha do Equador os navios se incendiariam; o mar era habitado por monstros terríveis. |
| 5 - Especiarias | () Entrepósitos comerciais onde os italianos compravam mercadorias dos árabes para revendê-las na Europa. |

Situação de aprendizagem III

Leia o texto do historiador Fábio Pestana Ramos para responder a próxima questão sobre as Grandes Navegações.

“Entre as principais causas [dos naufrágios] estavam o mau tempo [...], o desconhecimento do regime dos ventos e das correntes marítimas, a imperícia do piloto, o excesso de carga, o desgaste natural das embarcações, doenças que dizimavam a tripulação impossibilitando a continuidade da viagem, e ataques piratas seguidos da queima da embarcação.”

3. Segundo o texto, os naufrágios das caravelas portuguesas nas Grandes Navegações têm várias razões, exceto:

- () O mau tempo. () A ausência de instrumentos náuticos.
- () O excesso de carga. () Ataques de piratas.

Aprenda mais no canal Multi Rio: Grandes navegações - Tempo de Estudar - História - 7º ano

▶▶ Acesse o link: <https://www.youtube.com/watch?v=Ax--nmT7u-w>

BIBLIOGRAFIA:

Textos e atividades adaptadas de:

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História sociedade & cidadania: 7º ano: ensino fundamental: anos finais**. 4. ed. São Paulo : FTD, 2018: 117-133

Créditos da Imagem: <https://www.theguardian.com/science/2016/jun/28/why-bad-ideas-refuse-die>